
A PRÉ-HISTÓRIA // O PERÍODO ROMANO // A HERANÇA MUÇULMANA

CAPÍTULO I

Não é possível a contar a história da Quinta do Anjo, sem começar por falar das Covas dos Mouros. O que lá encontramos hoje são quatro grutas artificiais, escavadas na rocha, cuja entrada demasiado apertada para um adulto, dá ao lugar uma certa aura de mistério, como se entrássemos no útero da mãe natureza (desculpem-me a imagem). Uma vez dentro da calota, a clarabóia deixa entrar uma luz filtrada, e os sons do exterior desaparecem por completo, é um outro mundo. Para as crianças que as visitam é uma aventura, mas acredito que os adultos não ficam indiferentes àquele espaço, mesmo se desconhecem a função que já teve no passado.

Na época em que foram estudadas pela primeira vez, no final do séc. XIX, causaram sensação no mundo da arqueologia e atraíram ao local a atenção de especialistas estrangeiros. Aposto que na aldeia esta atenção não teve qualquer impacto. Alguém deve ter comentado – *estão prá'li uns tipos estrangeiros a olhar pr'as grutas*. E pronto, ficou-se por aí.

A DESCOBERTA DAS GRUTAS

A descoberta das grutas deu-se por acidente, quando em meados do século XIX, uma pedreira instalada no local danificou duas das quatro grutas, as mais próximas do Casal do Pardo. Felizmente a extração da pedra foi suspensa e de Lisboa vieram dois geólogos para examinar o local.

Supõe-se que a zona tenha sido observada pela primeira vez em 1866 por Nery Delgado³ e Pereira da Costa⁴, ambos da Comissão Geológica, mas não são conhecidas anotações dessa visita.

No entanto, talvez antes disso, já se tivesse conhecimento da existência destas sepulturas. Marques da Costa refere que encontrou algumas peças no museu Geológico cuja etiqueta informa que foram retiradas das grutas funerárias de Quinta do Anjo e oferecidas ao museu pelo duque de Palmela. Por outro lado, sabemos que o duque de Palmela, Pedro de Sousa Holstein (1781-1850) foi presidente da *Sociedade Archeologica Lusitana* uma associação responsável pelas primeiras escavações das ruínas de Troia.

Seja como for, só na sequência da destruição de duas das grutas é que a necrópole foi estudada. É certo que tiveram de esperar mais dez anos, mas mais vale tarde que nunca. Só em 1876 é que a necrópole foi estudada com mais rigor por António Mendes, coletor de Geologia, sob a orientação de Carlos Ribeiro, considerado o pai da arqueologia em Portugal⁵. Dois anos depois, em 1878, Carlos Ribeiro levou para França alguns dos objetos encontrados nas grutas e mostrou-os na Exposição Antropológica de Paris. Os objetos devem ter despertado a curiosidade científica internacional, porque a partir dessa data, as grutas passam a ser referidas em vários

O INÍCIO DA ARQUEOLOGIA em Portugal teve a mãozinha delicada de D. Maria I. Certo dia, durante um passeio pelo Sado, a jovem e futura rainha avistou as ruínas romanas de Troia. Fez questão de as visitar e ordenou que fossem escavadas e estudadas. Foi este o primeiro local arqueológico a ser explorado em Portugal no século XVIII pela *Sociedade Archeologica Lusitana*, presidida pelo duque de Palmela⁶⁶ que graças ao período que viveu em Roma, acompanhou o seu pai, embaixador nessa cidade, em algumas prospeções arqueológicas.



ÉMILE CARTAILHAC
(1845-1921),
arqueólogo,
natural de Toulouse, começou por escavar os locais megalíticos de Aveyron no sul de França

e em 1867 torna-se responsável pela secção de arqueologia da Feira Mundial de Paris. Em 1880 deslocou-se a Lisboa para assistir ao congresso dedicado à Pré-história e em 1883 visitou a Quinta do Anjo para observar pessoalmente as Covas dos Mouros. Publica, mais tarde, as suas próprias observações no livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* onde compara as cerâmicas de Quinta do Anjo com as encontradas nos túmulos neolíticos de França, Irlanda e Sicília.⁶⁵

1 Émile Cartailhac



ANTÓNIO INÁCIO MARQUES DA COSTA
(1857-1933)

Natural de Leiria, interessou-se desde muito novo por arqueologia. Seguiu a carreira militar no exército chegando a Tenente-coronel. Depois de 1899, tornou-se professor de matemática em Setúbal e em simultâneo dedicou-se ao estudo da arqueologia no distrito, com especial destaque para as ruínas romanas de Troia. Em 1896 publicou o seu primeiro artigo sobre os vestígios romanos de Alferraz, perto de Palmela. Graças ao seu trabalho rigoroso e vasto conhecimento de geologia, antropologia e arqueozologia, tornou-se num dos pioneiros na arqueologia em Portugal. Ao longo de vários anos publicou na revista *O Archeologo Português* vários artigos onde identificou os locais com interesse arqueológico até então desconhecidos, muitos dos quais só seriam estudados várias décadas depois da sua morte.

2 Marques da Costa, pouco antes de se ter dedicado às atividades arqueológicas pelas quais se tornou conhecido.

livros da especialidade e trazem alguns arqueólogos estrangeiros a visitá-las, nomeadamente Émile Cartailhac e responsável pela divulgação das grutas de Altamira.

Carlos Ribeiro é, portanto, a primeira pessoa a perceber a importância das grutas e termina o primeiro volume da sua obra *Estudos prehistoricos de Portugal*, escrevendo: *Findaremos aqui esta parte da memoria e opportunamente descreveremos as cavernas artificiaes de Palmella, as quaes offercem subido interesse debaixo de muito debaixo de muitos pontos de vista*⁶. Infelizmente, faleceu pouco depois de publicar este primeiro volume.

Quando as grutas foram descobertas não existia ainda a profissão de arqueólogo em Portugal. Eram geólogos as primeiras pessoas que perceberam a importância das grutas, tornando-se mais tarde, alguns deles, também arqueólogos.

Graças às suas grutas, a Quinta do Anjo passa então a despertar o interesse de arqueólogos e antropólogos nacionais e internacionais, mas para a população, os sepulcros neolíticos, continuam a ser as Covas dos Mouros – um lugar ignorado. Até mesmo José Bárcia ou Júlio de Castilho,⁷ pessoas cultas e sensíveis à importância da arqueologia e que por ali passaram em 1908, não parecem ter dado qualquer importância ao lugar.

Seria um local de superstições por parte dos nossos antepassados? Se havia lá fantasmas foram todos expulsos pelas crianças que frequentavam a escola primária masculina, lá perto e que usavam o local para brincar aos esconderijos de índios e cowboys, polícias e ladrões.

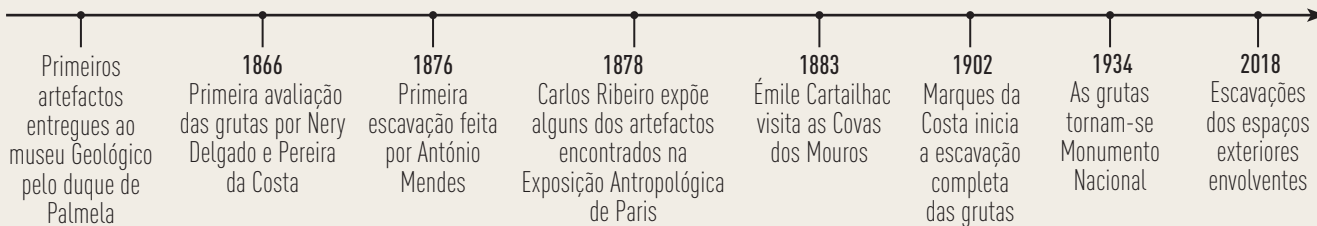
MARQUES DA COSTA E «O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS»

Em 1902⁸ Marques da Costa retoma o estudo das grutas, mas desta vez, nos artigos que escreveu para a revista *O Archeologo Português*, vai um pouco mais atrás e faz um enquadramento de toda a zona do ponto de vista geológico:

*Quem de Lisboa observar o horizonte ao sul do Tejo descobre no seu extremo a crista de uma serra, que se desenvolve de leste a oeste entre os dois velhos castellos de Palmela e Cezimbra, sendo dominada ao centro pelas penhascosas montanhas do Formosinho e Picoto da Arrábida*⁹. (...)

*O mar que então cobria o terreno que fórma agora essas montanhas*¹⁰ *era viveiro de animais marinhos taes como o «Carcharia megalodon»*¹¹, *a «Ostrea crassissima», a «Ostra crassicostata», o «Pecten jacobus»*¹², «Clypeas-

Cronologia das escavações da necrópole do Casal do Pardo



ter»¹³, a «Scutella»¹⁴, as «Turritella»¹⁵, etc., cujos restos mortuários se depositaram e deixaram de si memória nos fósseis que actualmente se observam em profusão na parte que resta da camada miocena, que formava o fundo d'esse antigo oceano.

Marques da Costa descrevia assim como era a península de Setúbal durante o Miocénico: uma zona submersa há cerca de 180 milhões de anos¹⁶, sendo a Arrábida uma ilha. Com a contração das placas tectónicas, o mar regrediu e o relevo tomou a forma que é conhecida hoje. Orlando Ribeiro, o mais famoso geólogo português explicava a formação da zona da Arrábida da seguinte forma:

*Devido ao sucessivo resfriamento e conseqüente contracção do planeta que habitamos, a crusta solidificada, que desde a esfera central da terra ainda fluida chegava até o fundo d'esse mar, encarquilhou-se como a pelle de uma uva que se secca, a ponto de fazer saliências acima do oceano e formar uma elevada ilha, de que a actual Arrabida não é mais do que um vestígio, comparavel aos restos de altivo e grandioso monumento a que as injurias do tempo não tivessem deixado senão pequenas porções das suas arruinadas paredes.*¹⁷

Resumindo, há cerca de 180 milhões de anos, a Quinta do Anjo estava de baixo de água e, se não fosse o desgaste do tempo, a serra da Arrábida seria muito maior.

... DEPOIS OS DINOSSAUROS...

Antes de retomar as descrições de Marques da Costa, tenho de acrescentar algumas notas sobre dinossauros. No conselho de Sesimbra há vários locais onde se podem ver pegadas de dinossauros, mas é o local conhecido como Pedra da Mua, nas arribas do Cabo Espichel, que ganha o prémio da melhor história. Nesse local são visíveis umas pegadas marcadas na rocha. Reza a lenda que essas pegadas eram de uma mula gigante que subia a escarpa, carregando às costas a imagem de Nossa Senhora. Na verdade, eram pegadas de saurópodes e de terópodes do Jurássico¹⁸. Às vezes não sei em qual versão é mais difícil de acreditar: a mítica ou a científica...

... E POR FIM O HOMEM

Foi preciso esperar mais alguns milhares de anos e mudanças radicais no clima para que o homem surgisse por estas paragens. O aquecimento do planeta e o



3 Em alguns locais na crista da serra do Louro o solo está cravado de fósseis de ostra, da época em a zona se encontrava submersa.

final do período glacial provocou o aparecimento de florestas e mudanças na fauna. Alguns dos grandes animais, como o mamute-lanoso e o rinoceronte-lanudo extinguíram-se ou emigraram e deram lugar a animais mais pequenos.

As populações do Paleolítico eram nómadas e teriam sido estes povos os construtores dos sepulcros megalíticos que encontramos no Alentejo e em diversos outros pontos do país – as antas e os menires foram obras suas. Na península de Setúbal não há conhecimento de construções deste tipo, mas entre Azeitão e Sesimbra, existe um local chamado Anta, o que poderá sugerir que nesse lugar terá existido uma anta.

Durante o Mesolítico algumas comunidades já eram sedentárias – foram encontrados restos de acampamentos dessa época ao longo dos afluentes do rio Tejo e Sado, sendo o concheiro de Muge¹⁹ o mais conhecido. Neste local foi encontrado o esqueleto de um cão, que durante décadas se pensou tratar-se de um lobo²⁰. Mais recentemente, em 1980, numa escavação de um outro concheiro, perto de Alcácer do Sal, outro esqueleto de cão foi encontrado. Ambos terão aproximadamente 8000 anos e serão os cães mais antigos da Península Ibérica²¹. Por esta altura outros animais foram domesticados, principalmente para servirem de alimento, mas ao contrário destes animais, cujas ossadas foram encontradas fragmentadas e misturadas com outros detritos, os esqueletos dos cães estavam completos e sepultados em locais próprios.